

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white sans-serif font on a solid blue rectangular background.

A principal aquisição do FSM é a reabilitação
da vontade [The main acquisition of
the WSF is the rehabilitation of will]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Redeker, Robert
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-06 07:34:37
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163105

organização que não excluam o povo, formas de organização baseadas na idéia de que o povo tem a capacidade de organizar sua própria sociedade. Todos temos um impulso para a autodeterminação (o desejo de nós mesmos decidirmos as coisas), um impulso que está muito presente na vida cotidiana e que se expressa em momentos de rebeldia social, na organização de assembléias ou conselhos. Todos temos a experiência constante de resolver os conflitos de interesses sem a mediação do Estado – isso é parte da amizade, é parte da vida cotidiana. As assembléias ou conselhos são uma forma de organizar este processo social. A idéia de destruir o Estado é a projeção da experiência cotidiana de todos. Quando tratamos de viver como humanos, com dignidade, estamos, inevitavelmente, lutando para destruir o capitalismo e o Estado, embora seja de forma muito contraditória.

IHU On-Line - No contexto abordado, como o senhor vê o Fórum Social Mundial, considerando que já transcorreram várias edições? Qual é o papel do Fórum? Como o senhor o avalia?

John Holloway - Este ano, é a primeira vez que vou assistir ao Fórum Social Mundial. Creio que é um ponto de encontro muito importante para discutir a luta contra o capitalismo. As tensões entre diferentes enfoques que este encontro traz consigo são inevitáveis e, inclusive, saudáveis. Como o avalio? Melhor eu dizê-lo depois de ter estado aí.

[\(Voltar ao índice\)](#)

“A PRINCIPAL AQUISIÇÃO DO FSM É A REABILITAÇÃO DA VONTADE”

Entrevista com Robert Redeker

*"Apesar de seus defeitos, como o de proceder análises com base em conceitos ultrapassados, o Fórum Social Mundial é importante porque confronta as diferentes possibilidades de fazer história. Dessa 'escola' de 'confrontação intelectual', a principal contribuição é 'a reabilitação da vontade'", afirma Robert Redeker, professor de Filosofia e membro do comitê de redação da revista francesa **Les Temps Modernes**. Ele ressalta a expressão "diferentes possibilidades", pois não acredita que os movimentos sociais progressistas possam avançar se apoiando no conceito tradicional de "esquerda". Redeker também é membro do comitê científico do Colloque d'Albi Langage et Signification (CALS), da Université Toulouse-le-Mirail. É autor de, entre outros, **Le Déshumain**. Saint-Orens de Gameville: Editions Itinéraires, 2001; **Le sport contre les peuples**, Paris: Editions Berg International, 2002; **Inhuman. The Internet, Education and Humanity**. Dublin: Academica Press, 2003; e **Nouvelles figures de l'homme**. Latresne: Le Bord de L'eau, 2004. Está marcado para abril de 2005 o lançamento do livro **Utopia e Modernità**, escrito com Marcel Gauchet), que será publicado pela Città Aperta edições, de Troina, na Itália. Participou como ator do filme *Autopsie d'un mensonge* (Autópsia de uma mentira), longa metragem francês de Bernard Cohn e Jacques Tarnero, lançado em 2000. A entrevista que segue foi concedida por e-mail.*

IHU On-Line - Parece conveniente que qualquer reflexão sobre o Fórum Social Mundial considere os rumos da esquerda e, antes de tudo, o seu conceito. Na sua opinião, como pode ser definida a esquerda? Em que medida ela precisa ser reconstruída? Sua debilidade teórica é semelhante à que marca a filosofia contemporânea, tal como o senhor a descreve?

Robert Redeker - Como definir a esquerda? Não é seguro que uma definição universal deste conceito político seja possível. Esta impossibilidade persiste quando nos atemos aos conteúdos políticos. Ao contrário, nos aproximamos de uma definição, quando nos interessamos pela

noção de *parti-pris* [posição assumida]. Um mesmo *parti-pris*, pela justiça social, por exemplo, pode adquirir conteúdos diferentes no decurso da história. Não são conteúdos que determinarão sua lateralização política à esquerda, mas é o *parti-pris* que inspirará os seus conteúdos. O *parti-pris* em favor do Planeta, a responsabilidade diante do futuro, diante das gerações futuras, pode ser de direita como de esquerda. O *parti-pris* em favor do homem pode, também, ser indiferentemente de direita ou de esquerda. É, sobretudo, o *parti-pris* econômico em favor da justiça social, das categorias sociais desprovidas e abandonadas, que define a esquerda. No entanto, o conceito de classe, a oposição proletariado – burguesia, popularizado pelo marxismo, caducou. Os desprovidos, os humilhados, os explorados já não constituem mais uma só e única classe, como Marx pensara. A pobreza explodiu, e nisso a idéia de Negri e de alguns outros pensadores de multidões encontra uma certa pertinência. Sobre o cadáver da classe proletária apareceram multidões, muito diferenciadas entre elas, de desprovidos e de explorados. A esquerda pode, então, ser definida assim: um *parti-pris* de justiça social em favor dessas multidões desprovidas. A palavra “desprovidos” [*démunis*] é mais importante que a palavra “explorados”. Desprovido significa falta de condições. Os desprovidos são as multidões de todo o Planeta, aos quais faltam condições para viver. Eu chamo de condições as estruturas antropológicas (como, acima de tudo, a educação, o conhecimento), permitindo “defender-se” na vida. A justiça social consiste na distribuição aos desprovidos de “condições” para viver. As condições permitem recriar um cosmo, um ambiente no qual a existência humana se sente dotada de sentido. O que caracteriza a pobreza na época contemporânea, época cibernética e tecnológica, é a de ser uma pobreza de extirpação, de desenraizamento (ser desenraizado da vida), em outras palavras, uma pobreza sem cosmo, acósmica. A esquerda deveria ser definida assim: *parti-pris* em favor de condições para os desprovidos, permitindo-lhes tecer um cosmo em torno de sua existência.

IHU On-Line - Qual a contribuição que se pode esperar dos movimentos sociais identificados com o legado histórico da esquerda para a reconstrução do conceito de “homem”, partindo das indagações de uma filosofia reconstruída?

Robert Redeker - A situação intelectual da esquerda está defasada em relação à realidade. Sua inspiração bissecular se esgotou. Durante dois séculos, o pensamento da esquerda era avançado em relação à realidade (a esquerda tinha algo de profético e de messiânico). Os socialistas do século XIX (de Pierre Leroux a Karl Marx e até Jean Jaurès) eram avançados em relação à realidade. Os conceitos da esquerda permitiam, de uma só vez, dissecar a realidade político-social, projetando-nos à frente, num futuro tão utópico quanto crível. A noção de mito da greve geral em Sorel é o paradigma desta situação de um pensamento, ao mesmo tempo, utópico e crível. A idéia importante para compreender a força, e depois o esgotamento da esquerda, é a idéia de secularização. A força da esquerda provinha do fato de o processo de secularização (iniciado no século XVII) estar ainda em vigor. Secularização: a dimensão escatológica do cristianismo se expandiu lentamente para o profano, como uma espécie de *kenose* [esvaziamento, exaustão] socioistórica, pela qual o finalismo sagrado se expandiu na história, penetrando a história. O que foram as luzes, senão esta *kenose*? A esquerda vivia enquanto esta secularização ainda tinha lugar, ela vivia enquanto a fonte (em outros termos, o sagrado identificado como tal, o cristianismo) não se tinha exaurido. A situação desastrosa da esquerda se explica pelo fim da secularização. Este terminou, não há mais a tensão entre o espiritual e o profano – de onde vem o coma da esquerda. Então, a problemática diante da qual se encontra a esquerda se divide em duas direções: de uma parte, no seio de um mundo inteiramente secularizado, inventar um dinamismo que a ponha em posição de avanço ante a realidade (o que permitia a secularização), e de outra parte, pela constatação que eu faço em

meu livro *Nouvelles figures de l'homme* [Novas figuras do homem], inventar uma unidade, não do homem, mas do humano, permitindo uma política do humano. Uma política do humano seria dar condições aos desprovidos a fim de que vivam e reconstruir um cosmo, isto é, um universo dotado de sentido, para cada ser humano.

IHU On-Line - Nesse cenário a ser desenhado, qual o lugar destinado ao Fórum Social Mundial? E quais, no seu entender, as contribuições mais importantes que ele já trouxe para a construção do “outro mundo possível”?

Robert Redeker - Apesar de seus defeitos, como a tentação, para alguns, de limitar-se a análises, usando conceitos de uma época passada, como, por exemplo, o conceito tradicional humanista, de homem, ou o conceito de proletariado, e como a tentação, para alguns também, de manter um discurso de guerra civil planetária, de não-oposição ao terrorismo ou mesmo de anti-semitismo, o Fórum Social Mundial é uma escola na qual, pela confrontação intelectual e pelos debates, as diferentes possibilidades de fazer variar a história são ensaiadas. A principal aquisição do Fórum Social Mundial é a reabilitação da vontade. Insistimos na noção de “possibilidades” (no plural). A fórmula “um outro mundo é possível” é falsa. Ela sugere que existe, em algum lugar, um mundo de reserva pelo qual nós podemos substituir o mundo atual. Não haverá jamais “um” outro mundo, por causa do esgotamento, no final do processo de secularização, da alteridade que representava o universo sagrado. A realidade – que manifesta a profusão das idéias no Fórum Social Mundial – é diferente: formas múltiplas de mundos são possíveis, servindo-se da vontade para fazê-los nascer. Possíveis, no plural, significa que os seres humanos têm muito poder (tomemos este conceito nietzscheano) para reconstruir cosmos (no plural). Em meu último livro, eu desenvolvo uma reflexão sobre a arquitetura articulada sobre a “recosmização”, a arquitetura tendo, então, um papel político no sentido “dos” (e não de “um”) outros mundos possíveis.

IHU On-Line - O senhor acredita que, de maneira geral, as lideranças dos movimentos sociais reunidos no Fórum Social Mundial estão atentas às transformações essenciais que o senhor destaca nas suas últimas obras? O Fórum está em sintonia com preocupações desse teor?

Robert Redeker - Uma contradição aparece. A despeito da criatividade intelectual do Fórum Social Mundial, os líderes dos movimentos continuam ligados a representações caducas, o que é, ao mesmo tempo, corrente (a distinção entre o homem de ação e o filósofo) e causa de fracasso. Em particular, os líderes não se dão conta de que nós entramos em duas situações novas: uma *situação antropológica* de fragmentação do homem, que perdeu sua unidade, e uma *situação geopolítica* de ruptura, tendo o mundo perdido sua unidade. Nós vivemos numa época posterior à idéia de unidade, e à realidade da unidade. O cacife do Fórum, contra a “unidimensionalização” da existência dos ricos e a “descosmização” dos pobres, é uma jogada política que os líderes só exprimem parcialmente: *inventar novas possibilidades de vida*.

IHU On-Line - No conceito de “multidão” de Toni Negri não se poderia localizar o embrião de um novo homem, antítese do homem que o senhor define como *neghuman*?

Robert Redeker - Bem entendido. No entanto, eu não seguiria até o fim, até a noção de homem novo. É preciso cruzar esta noção de “multidão”. A meu ver, ela deve designar, ao mesmo tempo, as multidões humanas que se substituíram às classes, as multidões de desprovidos e as multidões de possibilidades do ser humano, que nós trazemos em nós, para alguns, e que nós temos de criar, para muitos. Ora, esses dois sentidos da palavra multidão estão interligados: dar condições (cultura, educação, habitação) às multidões de desprovidos

significa abrir a possibilidade de inventar multidões de possibilidades de vida. O conceito de “neghumano” é posterior à morte do homem. O homem é uma entidade definitivamente morta. O “neghumano” designa a situação – que Herbert Marcuse, sem sabê-lo, foi um dos primeiros a descrever em O “homem unidimensional” – na qual a vida é reduzida à pobreza (aí incluída a abundância), onde a possibilidade de inventar novas possibilidades de vida se encontra paralisada. Esta “neghumanidade” segue à desumanização: o que o homem fez, o homem do humanismo, desde séculos, se desfez. A ancoragem verdadeira em tradições, em paisagens, a ancoragem durável e homogênea, a interioridade, todos esses constituintes antropológicos foram desfeitos, por exemplo. A história recente descosturou o homem, como a história antiga o tinha lentamente costurado. Em vista desta desumanização – descostura do homem – não houve reumanização. O “neghumano” é o humano não reumanizado. Ele é a ausência de cosmo – o desespero, o estado de desprovido. Uma política do humano (porque por detrás da fórmula inadequada: “um outro mundo é possível”, é preciso entender “uma política do humano é possível”), se ela aparece, não será uma política de um “homem novo”, do renascimento do homem, ou da unidade do homem; será uma política da multiplicação das possibilidades de vida, tendo todas uma coerência, ou seja, sendo “cósmicas”.

[\(Voltar ao índice\)](#)

“O VERDADEIRO PAPEL DO ESTADO É GERIR OS INTERESSES SOCIAIS EM BENEFÍCIO DA MAIORIA”

Entrevista com João Pedro Stédile

*“Em uma sociedade capitalista, onde persistem os antagonismos de classe, é vital a presença do Estado, que deve gerir os interesses sociais em benefício da maioria. Mas disso depende a ação do povo organizado, condição indispensável também para a existência da esquerda”. Assim pensa João Pedro Stédile, uma das principais lideranças do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Ele destaca que não é possível ser de esquerda “sozinho”, pois tal comportamento reproduz um “individualismo anti-social”, que nada muda e “acaba transformando-se apenas em idealismo”. A entrevista que segue foi concedida ao **IHU On-Line** por e-mail. Nascido em 25 de dezembro de 1953, em Lagoa Vermelha, no Rio Grande do Sul, Stédile reside atualmente na cidade de São Paulo. É economista, formado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com pós-graduação pela Universidade Autônoma do México (UNAM). Participa, desde 1979, das atividades da luta pela reforma agrária, sendo um dos fundadores do MST e membro de sua direção nacional. João Pedro Stédile concedeu uma entrevista sobre Raimundo Faorem, na 64ª edição do **IHU On-Line**, de 16 de junho de 2003. É autor de, entre outros livros, **A Reforma Agrária e a Luta do MST**. Petrópolis: Vozes, 1997; **Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil** (com Bernardo Fernandes). São Paulo: Perseu Abramo, 1999; **Classes sociais em mudança e a luta pelo socialismo** (com Francisco de Oliveira e José Genoíno). São Paulo: Perseu Abramo, 2000.*

IHU On-Line - Como o senhor define “esquerda”? O que é ser “de esquerda” no mundo contemporâneo?

João Pedro Stédile - Ser de esquerda é um conceito genérico na luta política e por isso cada um pode atribuir-lhe um significado especial. Para mim, são todas as pessoas que lutam quotidianamente e têm como ideal a construção de uma sociedade igualitária, onde todos os cidadãos tenham os mesmos direitos e oportunidades. Uma sociedade com justiça social é baseada nos princípios da solidariedade e da justiça social. No entanto, não basta ter como objetivo uma sociedade igualitária, se não fizermos nada para alcançá-la. Por isso, ser de